

# ENTRE AS TRADIÇÕES E O RESSIGNIFICAR: A ESCRITA DE PAULINA CHIZIANE EM BUSCA DA REPRESENTATIVIDADE FEMININA<sup>1</sup>

Ricardo Dias Militão<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo surge como mais um instrumento de resistência e manifesto para as correntes de hegemonias entre os povos africanos e em especial para as mulheres moçambicanas e o painel da condição feminina da sociedade de seu país. O mesmo vem com a importância de legitimar e enaltecer a literatura africana como instrumento social de lutas e resistência para as mulheres na sociedade africana e em especial em Moçambique no processo de reconstrução social pós-colonização. Nesse contexto as lutas emancipatórias pela independência social da mulher, as lágrimas derramadas, o clamor e as lutas, uma relação existencial entre o amor e o ódio no que tange o valor do matrimônio na sociedade patriarcal moçambicana. A literatura africana consegue assim atravessar um caminho entre o clamor, e as lutas pela liberdade e a condição da mulher em Moçambique no pós-colonização trazendo a presença feminina como protagonista representativo no país para o processo de reconquista social, política e cultural em Moçambique.

**Palavras-chave:** Chiziane, Paulina, 1955- - Crítica e interpretação. Literatura moçambicana. Mulheres - Condições sociais.

## ABSTRACT

This article emerges as another instrument of resistance and a manifesto for the currents of hegemonies among African peoples and especially for Mozambican women and the panel on the female condition of their country's society. The same comes with the importance of legitimizing and praising African literature as a social instrument of struggle and resistance for women in African society and especially in Mozambique in the process of post-colonization social reconstruction. In this context, the emancipatory struggles for the social independence of women, the tears shed, the clamor and the struggles, an existential relationship between love and hate regarding the value of marriage in Mozambican patriarchal society. African literature thus manages to cross a path between the clamor, and the struggles for freedom and the condition of women in Mozambique in the post-colonization period, bringing the female presence as a representative protagonist in the country to the process of social, political and cultural reconquest in Mozambique.

**Keywords:** Chiziane, Paulina, 1955- - Criticism and interpretation. Mozambican literature. Women - Social conditions.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso na Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Gonçalves Costa.

<sup>2</sup> Graduado em História pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas FFCH/UFBA. Graduado em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa. Especialista em Educação de Jovens e Adultos; Especialista em Arte e Educação: Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas na Escola de Belas Artes/EBA, da Universidade Federal da Bahia/UFBA.

## 1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surge como o objetivo de legitimar e enaltecer a literatura africana de língua portuguesa em Moçambique na voz de uma mulher representando outras várias mulheres silenciadas, e trazendo as lutas como base para discursões na relação existencial entre o amor e o ódio no que tange o valor do matrimônio na sociedade patriarcal moçambicana.

E Paulina Chiziane trás na sua participação a luta pela emancipação da identidade nacional africana no país pós-colonização. A pesquisa será desenvolvida através de estudos teóricos partindo de pressuposto de alguns estudiosos, pesquisadores e escritores africanos que discutem e debatem o feminismo, a representação da mulher como figura social em Moçambique e os processos da pós-colonização da África. Nesse processo de reconquista de identidade nacional, que a literatura desempenha um papel de fundamental importância para a sociedade africana. Os estudos irão fundamentar discussões nos estudos de Manuel Ferreira (1979), como por exemplo, em “Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa”, que retrata o colonialismo como uma negação da personalidade do outro. Além disso, a repressão individual, da exploração econômica, da negação do sentimento e da consciência nacional, criando a ideia de uma pátria única. Será necessário também citar Césaire (1978, p. 14-15)<sup>3</sup>, no livro “*Discurso sobre o colonialismo*”, que traz à tona, as falaciosas argumentações que a Europa pregava sobre o processo de colonização da África numa ótica europeia; na verdade esse empreendimento colonial, foi responsável pelo processo capitalista devastador e sob, o violento etnocídio praticado aos africanos.

A literatura africana moçambicana surge no final do século XIX, em meio a grandes movimentos de insatisfação e conflitos sociais no que dizem respeito aos movimentos de colonização e etnocentrismo da população africana e em especial os moçambicanos. Sendo assim grandes insatisfações que surgem grandes nomes da literatura que buscaram inspirações nos movimentos de revoltas, uma roupagem para definir assim a busca pela luta da independência social.

---

<sup>3</sup> Césaire. Aime. *Discurso sobre o colonialismo*. 1ª edição – Lisboa: Sá da Costa, 1978.

Esse contexto social em que se vivenciava foi de grande importância para a propagação das primeiras vozes poéticas em Moçambique. Contexto esse em que Noa (1997)<sup>4</sup> usa a expressão de “pêndulo do assimilado”<sup>5</sup> por muitos moçambicanos, nessa literatura impregnada de sentimento de emancipação local na defesa do nativismo.

Após o período colonial e as lutas pela emancipação da independência africana, trazemos nossa análise direcionada para o processo de construção da identidade nacional, parti para o engajamento de lutas sociais na África e em especial as mulheres, nesse processo de discussão e participação política, cultural e social. Trago alguns dos discursos feministas como o do então Pepetela o Jorge Nogueira, com “As mulheres da África têm uma luta a travar pela real emancipação” e os escritos de origem portuguesa que se refere aos caminhos que serão trilhados pelas mulheres para a conquista da identidade nacional durante as lutas de independência colonial.

A construção das ideias se sobressai da vertente de alguns dos estudiosos, pesquisadores e grupos de pesquisas que fazem alusões aos manifestos em prol do feminismo e das mulheres, engajadas na literatura africana de língua portuguesa que questionam a valorização, participação e reconhecimento das mulheres como parte integrante nos movimentos na sociedade africana. Muitos movimentos rumo à independência de Moçambique levantaram várias lutas e conflitos sociais na busca da salvaguarda dos interesses dos povos africanos.

SANTANA (2009, p. 68)<sup>6</sup> afirma que:

A luta armada não foi uma experiência vivida somente por Moçambique. Movimentos nacionalistas de outros países da África também utilizaram a guerra como meio de conquista de suas independências, a exemplo de Angola, Guiné Bissau, Cabo Verde e Zimbábue, inscrevendo-se em um processo amplo de lutas por descolonização nesse continente.

---

<sup>4</sup> Francisco P. S. Noa é docente de Literatura na Faculdade de Línguas da Universidade Pedagógica de Maputo e de Retórica no Instituto Superior Politécnico e Universitário. Nascido em 1962, licenciou-se em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa em 1991, tendo feito mestrado em Estudos Literários Comparados pela mesma universidade em 1995, onde apresentou sua tese que corporiza o presente estudo.

<sup>5</sup> Nome empregado aos africanos que saíam de suas terras, para conquistar ou ir à busca de melhores condições de vida. E muitos iam estudar como forma de adquirir conhecimentos e voltar para sua terra compartilhar seus conhecimentos, mas, nunca esquecendo suas raízes a sua identidade nacional.

<sup>6</sup> SANTANA. Jacimara Souza, *A Participação das Mulheres na Luta de Libertação Nacional de Moçambique em Notícias (REVISTA TEMPO 1975-1985)*. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, nº 4 dez./2009.

Então esse processo de descentralização de poder político, social e cultural deve ser mencionado de forma historiográfica e literária para entender o contexto que se vivenciava na África e em especial Moçambique. A subalternidade e a forma como eram vistas e tratada as mulheres dentro da sociedade patriarcal e os enlaces que envolvia toda uma conjuntura onde o poder e a ordem portuguesa prevaleciam sob os colonizados eram de grande visibilidade social.

Daí a presença de Paulina Chiziane na historiografia, na literatura moçambicana, e na luta pela independência social feminista e cultural da mulher na África engajada também, nos processos de independência da pós-colonização. Ela sobressai às discussões políticas e denúncias do patriarcado deixado pela colonização e os destroços que essas ações deixaram impregnados de desigualdade de raça, gênero e identidade. Chiziane escreve nas suas produções literárias as histórias das condições de muitas mulheres em Moçambique, no feminismo sim, mas não no feminismo tradicional e europeu. A escritora empresta sua voz a muitas mulheres, que através das suas produções, e é notório, perceber as lutas pela sobrevivência em uma sociedade patriarcal que foge das regras, contando o feminismo africano, a realidade nua e crua. A autora ressalta a necessidade de contar para o mundo a história não ficcional e nem romancista da sociedade moçambicana e sim desnudar a história da África, a liberdade de expressão literária que faz parte das obras da escritora.

O artigo estará subsequentemente desenvolvido em análises feito primeiro sobre a colonização da África e os resquícios deixados por esse processo. Em especial, estará em foco Moçambique, com as lutas e as contribuições sociais, culturais e políticas sobre o país, para os manifestos emancipatórios dos domínios portugueses através da literatura e a participação e resistência das mulheres; segundo o contexto histórico de Moçambique, localização, os momentos históricos, políticos, culturais e a formação das instituições no processo de descolonização e independência; terceiro a contribuição e participação das mulheres nas lutas coloniais e pós-colonização, na retórica de Chiziane nos seus textos de denúncias sobre os maus-tratos e a vida das mulheres em Moçambique; e nos últimos subtemas serão abordados como as vozes femininas contribuindo para o processo de retomadas de espaços sociais conquistados pelas mulheres na África em Moçambique e as lutas pela identidade nacional africana no ecoar da voz da Paulina Chiziane.

É de suma importância elucidar a presença das mulheres nas literaturas africanas de língua portuguesa e quais os anseios que elas descrevem nos seus escritos e quais representações as mesmas trouxeram para a sociedade de forma engajada para o processo de organização cultural, social e para formação política do país pós-colonização. E com isso, Mia Couto (2009)<sup>7</sup>, faz uma releitura do seu conto “*O fio das missangas*”, que reconta as infinitas histórias inacabadas da humanidade, mas eu as direciono aos moçambicanos a dura e árdua vida, assim também é a vidas das mulheres moçambicanas em busca da superação em seu país.

Esse contexto de lutas e emancipação de espaço da mulher na sociedade idealizado por Chiziane, veiram reforçar ainda mais essa discussão, a cerca da literatura como instrumento de manifesto das condições servil feminina de serem subalternas aos desejos do homem. Dessa forma, busca pela liberdade de expressão, reconquista de espaço social, a ruptura da subalternidade do homem sobre a mulher, denunciar dos maus-tratos, lutas incansável pela independência da identidade feminina e nacionalista em Moçambique. Os abusos eram visíveis aos olhos nus e era preciso ser combatidos.

Esses processos de colonização portuguesa e os retrocessos que o mesmo deixou de herança no continente visto pelos africanos. E com isso as tomadas de decisões e as lutas acerca da pós-colonização e a conquista da identidade nacional protagonizada pelos manifestos ecoado na voz feminina das mulheres e em especial Paulina Chiziane.

Chiziane (2018)<sup>8</sup> enfatiza que a condição social da mulher está atrelada ao mundo da exploração dos colonizadores sob os colonizados e a subalternidade feminina se faz presente na sociedade moçambicana e deve ser denunciada e combatida. A autora dá voz à personagem afirmando que:

A cantiga fazia vibrar a escuridão da floresta, no avermelhado das fogueiras que afastavam os fantasmas do amanhecer. Era dor do povo num verso. Poesia pura. Afinal a alma tem o rosto de um fonema. De uma clave de sol. Reprime a canção antiga para que nela brote a canção do homem novo. Com roupas novas e boa

---

<sup>7</sup> COUTO, Mia. *O fio das missangas*. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>8</sup> Paulina Chiziane nasceu em Maputo, participou ativamente na cena política de Moçambicana durante a guerra colonial, militando na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), e mais tarde, em 1994 venceu as primeiras eleições multipartidárias em Moçambique. Pouco tempo depois abandonou a política para dedicar-se à literatura.

comida que vem dos pretos e do sexo da sua mulher. Com dinheiro tilintando no bolso para pagar prazeres, vinho e outros sexos. José suspira. Livres são os escravos que preservam a sua condição e se batem com convicção. Mas, ah, canção antiga, canção teimosa que não larga a minha mente nem por um segundo. Canção da liberdade, canção da resistência que tortura a minha mente. (CHIZIANE, 2018, 124-125)<sup>9</sup>

As condições sociais das mulheres na África estão atreladas ao contexto que apresentam e despertam discussões a cerca das lutas também pela preservação da cultura e identidade local nativa. É possível enaltecer algumas formas de resistência africana, a presença da mulher dentro da sociedade e as lutas emancipatórias pela independência e tentativas de ruptura das mulheres africanas dos processos racistas, sexistas e machistas deixados pela colonização portuguesa. Segundo Khosa (2018) há uma discussão sobre a busca dessa autoidentidade e daí a dualidade e afirma também que as vozes femininas infelizmente ainda são poucas nas literaturas africanas de língua portuguesa e que as causas são variadas, mas que talvez pudéssemos avançar a hipótese de que as mulheres ainda são subalternas, e talvez até socialmente falando nas sociedades africanas.

O autor também afirma que, apesar desse processo de descolonização social, cultural e político os portugueses deixaram na África resquícios dessa dura transformação. Na verdade, a questão que será levada em discussão no artigo é por que as mulheres em Moçambique foram silenciadas, e sua participação social nas lutas pela emancipação identitárias foram decisivas na historiografia da África?

## **2 A LITERATURA MOÇAMBICANA FEMININA UM MANIFESTO DA PÓS-COLONIZAÇÃO NA ÁFRICA**

Moçambique localizado no sudeste da África, o território de Moçambique limita-se com a Tanzânia (ao norte), Malauí (a noroeste), Zâmbia e Zimbabué (a oeste), África do Sul e Suazilândia (a sudoeste), além de ser banhado pelo oceano Índico (a leste). Ex-colônia portuguesa, Moçambique obteve sua independência no dia 25 de junho de 1975, seu idioma oficial do país é o português, línguas regionais (principais ronga, changã, muchope) sua extensão territorial de 801. 590 km<sup>2</sup>, com clima tropical e uma população com aproximadamente 22. 894. 294 habitantes. Tendo uma população residente em área urbana

---

<sup>9</sup> CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. - Porto Alegre. Dublinense, 2018.

37,65% e na área rural 62,35% fazendo parte da (CPLP) o país está dividido em 11 províncias subdividido em 33 municipalidades

Chiziane nasceu em 4 de junho de 1955, numa família protestante em Manjacaze, na província de Gaza Moçambique, Aprendeu a língua portuguesa numa escola de missão católica, na Universidade de Eduardo Mondlane começou seus estudos de linguística. Durante sua juventude militou e participou como membro ativamente nas cenas políticas da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique). Foi à primeira mulher a publicar um romance no seu país. Desde a sua juventude teve sua vida escolar atravessada por questões raciais, sociais e culturais da época relacionada a processo de colonização e de pós-colonização.

A literatura moçambicana abriram espaços de pensamentos ideológicos e debates históricos sobre os povos africanos e em especial Moçambique, trazendo a tona o nacionalismo e a identidade moçambicana. Francisco Noa, não trás apenas a literatura engajada a literatura como uma identidade históricas e vivenciais dos movimentos de resistências e lutas pela emancipação social dos povos africanos. Assim afirmando que a literatura moçambicana também seria:

Premonitória não só dos movimentos de libertação, mas também das independências. Portanto há uma antecipação aqui, pela sensibilidade, pela imaginação, e a utopia vai ser uma imagem de marca desta literatura, desta poesia, que nos mostra exatamente que virá sempre um futuro melhor, em que a exploração irá acabar, a colonização irá acabar, e que haverá uma literatura própria. Portanto eles têm esta consciência de que estão a construir uma literatura própria, e que ela se vai afirmar exatamente num Estado independente. Portanto, cruzam nesta literatura uma nação cultural, uma dimensão utópica de uma nação cultural, mas também de uma nação política. Está ali claramente desenhado isso, em muitos dos textos que atravessaram os anos 1940, 1950 e 1960 (NOA, 2014, p. 352-353).

De acordo com Noa, a literatura moçambicana seria um histórico dos povos africanos que seria contada de forma denunciativa e romanceada, mas acima de tudo contaria as lutas travada também por muitas mulheres buscando em meio tantos silenciamentos seus espaços sociais, em uma sociedade revestida de preconceitos de gênero, raça e cultura.

A literatura feminina em moçambicana trouxe grandes pilares de resistência para as conquistas dos espaços feminino nas estruturas sociais da África e em especial Moçambique, pautados nas lutas pelos manifestos emergentes das mulheres que foram silenciadas pelos avanços do colonialismo impregnado de barreiras sócio-culturais.

As narrativas enfatizadas nos romances de Paulina Chiziane trazem o silêncio das mulheres moçambicanas decorrentes da sociedade patriarcal e machista que narra um contexto histórico da colonização europeia e a fragilidade de seus povos na formação identitária. Assim, “[...] as lutas e conflitos internos que a mulher carrega em *Niketche*, a tentativa de tentar traçar um panorama dos temas delineados na voz feminina africana, considerada minoritária, que se apresenta na forma de mulheres que buscam a si mesmas a partir da liberdade social, cultural e econômica.” (CUNHA, 2010, p. 64)<sup>10</sup>. Essas mulheres eram submetidas às regras patriarcais e machistas.

As mulheres moçambicanas carregam consigo a angústia desse processo doloroso que foi a colonização e descolonização, essa realidade deixaram lágrimas, sofrimentos e submissão ao colonizado. Assim Cunha (2010, p. 65) afirma que:

A vida para essas mulheres africanas foi sempre de restrição quanto ao que lhes era oferecida. A elas, não era permitido participação à vida social e econômica do país, tampouco era consentido opinar nos assuntos da casa, já que no lar e na relação a dois era a voz masculina quem ditava as regras, restando à sujeição e o silenciamento, este acentuado durante o período colonial. Raramente uma mulher conseguia completar seus estudos, quando já se encontrava em época de casar, normalmente aos 14/15 anos, deveria desistir de frequentar o colégio para dar dedicação exclusiva ao marido e aos filhos e, fora da escola, era praticamente impossível ter acesso ao conhecimento científico e textual.

Na África e em especial em Moçambique as mulheres se viram aprisionadas de resquícios deixados pelos domínios coloniais do passado e se perpetuando ainda no presente. Para Laura Padilha (2002), “o acesso ao texto verbal lhes era duas vezes barrado: por serem mulheres e africanas. Encher de palavras o silêncio histórico foi para elas uma árdua e difícil conquista” (PADILHA, 2002, P. 171)<sup>11</sup>, a colonização deixou o homem mais convencido de sua supremacia masculina frente ao feminino, onde a narrativa faz alusão e demonstra a superioridade do homem sob a mulher como mostra esse exemplo: “–cala-te mulher. Desde quando tens categoria para falar com um doutor? Nunca te autorizei a falar com um homem nenhum. Estás a comportar-te como uma prostituta”. (CHIZIANE, 2004, p. 53). Fica evidente

---

<sup>10</sup> CUNHA, Raquel Ferro de. *A voz feminina: constituição da literatura pós-colonial moçambicana*. Revista Historiador – n. 3, ano 3, 2010.

<sup>11</sup> PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002 (Memórias das Letras, 10) e Lisboa: Imbondeiro, 2002.

esse tipo de comportamento social e cultural motivado pela presença do colonizador e o processo de colonização portuguesa em Moçambique. Para Costa (2016, p. 7)<sup>12</sup>:

As mulheres, dentro desta mudança, seguiram silenciadas, mas não em silêncio, e essas vozes escondidas em segredos, vem à tona nos romances de Chiziane, muitas vezes misturada à natureza que traz, em seu brado, o descontentamento experimentado pelas mulheres. Nesse sentido, a natureza é uma personagem feminina central, Chiziane une a mulher e o espaço como estratégia estética e política.

A literatura feminina moçambicana começa a ser romanceada a partir das narrativas da escritora, traduziu o silêncio em escritas trazendo as mazelas deixadas pelo colonialismo, e a voz sutil de manifesto pela independência feminina empregada Chiziane desnuda, todas essas histórias e culturas das mulheres nos espaços sociais em Moçambique.

Garbim (2016, p. 78)<sup>13</sup> afirma que:

Chiziane fala de amores e desamores, de apego e rejeição. Sua protagonista é uma mulher perdida, desconstruída, infeliz e com sede de se descobrir, de ser amada e reconhecida, ao mesmo tempo em que é submissa ao sistema que lhe é imposto. Rami estabelece um diálogo consigo mesma, na perspectiva de outro eu. Ela parece querer encontrar outra pessoa perdida nela mesma, alguém que um dia já foi feliz. No diálogo com sua imagem diante do espelho, entra em uma espécie de transe hipnótico, embora consciente, com seu alter-ego, promovendo um mergulho em seus pensamentos, na busca por se encontrar, se conhecer e se tornar sujeito de sua própria vida.

Para Garbim, além de Chiziane trazer a representação da mulher em seu romance ela ainda nos traz os manifestos pelas questões feministas, o amor matrimonial, identitárias, nacionalistas e o cotidiano das mulheres em Moçambique. Nesse contexto, Santos e Mendes (2016, p. 57)<sup>14</sup> enfatiza que:

A literatura de autoria feminina nas sociedades pós-coloniais apresenta-se como um processo representativo da história das mulheres, uma ferramenta de denúncia e de quebra de mitos e preconceitos reforçados pelo discurso patriarcal. A literatura produzida por mulheres africanas apresenta algumas semelhanças com a produção literária publicada em culturas em que a mulher, mesmo que já tenha ultrapassado algumas das barreiras que a aprisionavam as funções domésticas, continua à

<sup>12</sup> COSTA, Eliane Gonçalves da. *Paulina Chiziane e as águas míticas do feminino*. CEUNES-UFES, 2016.

<sup>13</sup> BARBIM, Juliana Franco Alves. *O feminino e a tradição em Niketche: uma história de poligamia*. Ano 8 n. 1 p. 76 – 84, jul. – dez. 2016.

<sup>14</sup> SANTOS, Áurea Regina do Nascimento.; MENDES, *Algémira de Macedo. Configurações de Gênero na narrativa de Paulina Chiziane: o empoderamento de vozes femininas*. Dossiê n. 22, ano 15, p. 51-68, 2016.

margem, definida por muitos dos padrões que a sociedade legitima como, por exemplo, a tarefa de gerar os filhos, criá-los, educá-los e prepara-los para a vida.

As pesquisadoras fazem questionamentos adentrando no espaço feminino e trazendo a literatura feminina como espaço de conquista e ao mesmo tempo de denunciar os maus-tratos, preconceitos de gênero, raça e etnia em Moçambique/África.

### **3 A MULHER: UMA REPRESENTAÇÃO DO AMOR E DO ÓDIO EM *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DA POLIGAMIA*.**

No romance *Nikette*, Chiziane traz a mulher como sujeita da narrativa das lutas e da busca pelo reconhecimento social perante a sociedade, assim o amor e o ódio vai fazer parte do enredo protagonizado e vivenciado por Rami.

A autora em *Nikette uma história de poligamia* é um romance narrado em primeira pessoa trazendo assim Romi como personagem protagonista representando um panorama complexo sobre as mazelas femininas na sociedade moçambicana. Chiziane não conta a história de Tony um alto comandante e sim de Rami casados há vinte anos e descobre que o marido é polígamo e têm outras quatro mulheres em diferentes regiões do país.

A poligamia é um sistema onde o homem tem mais de uma mulher ao mesmo tempo. Da mesma forma a poligamia não é relacionada com ter amantes, que no caso é uma situação de adultério, quando um indivíduo possui outro relacionamento, mas um dos parceiros não sabe. Nos sistema da poligamia, todos os envolvidos sabem do sistema em que estão, inclusive, é permitido por algumas religiões e até mesmo pela legislação de alguns países. No romance *Nikette*, Rami não sabia que seu marido tinha outras mulheres fora do casamento, por isso essa busca desesperada pelo paradeiro dessas então mulheres. Essa prática está presente há muitos séculos em vários países. No islamismo, ela é praticada há séculos inclusive pelo profeta Maomé, e está escrito no alcorão, livro sagrado dos muçulmanos.

Ela traz em seus escritos resquícios do colonialismo, opressor das lutas pela liberdade nacionalista; do período pós-colonial; das lutas pela independência da mulher e de sua condição social em Moçambique.

A guerra civil em Moçambique que durou aproximadamente 20 anos entre as décadas de 1970 e 1990, foi responsável pela morte de mais de 1 milhão de habitantes. Moçambique assim como a maioria dos países da África, apresentam vários problemas socioeconômicos. Conforme dados divulgados pela ONU – Organização das Nações Unidas, o IDH - Índice de Desenvolvimento Humano do país é o quinto menor do mundo.

A escritora busca nas suas entrelinhas do feminismo social e cultural enfatizar a presença da mulher como protagonista da literatura moçambicana no continente africano. E com isso seu romance *Niketche* traz caminhos que percorre a vida das mulheres africanas e em especial as moçambicanas, contando suas histórias de amor e ódio [...] “Não é verdade que pelo amor se luta? Pois hoje quero lutar pelo meu.” (CHIZIANE, 2021, P. 17); [...] “Rezo. Rezo com todo o fervor para que essa mulher morra e vá para o inferno. Mas ele não morre e nem o romance acaba.” (CHIZIANE, 2021, p. 18). Nesse contexto as lutas nessa sociedade patriarcal, extremamente machista, traz a presença feminina como representação da literatura moçambicana no país no processo de reconquista social, político e cultural.

Nesta mesma linha de raciocínio Chiziane se destacou com *Niketche: Uma História de Poligamia* (2021). Trata-se da história de uma mulher que aos 20 anos de casamento descobre a traição amorosa de seu marido que vai ser a luta sagaz pelo amor matrimonial. Além disso, vai trazer a tona o valor do patriarcado na sociedade moçambicana e os costumes locais. Costa (2014, p. 17)<sup>15</sup> afirma que:

Apesar de negar elos com o feminismo, a escrita de Chiziane questiona os papéis que a mulher assume na sociedade moçambicana. No campo literário a autora destacou-se com a publicação de *Niketche: uma história de Poligamia*. Neste texto encontramos Rami, uma mulher que, após 20 anos de casamento, descobre que o marido Tony, homem de boa colocação socioeconômico, vive uma vida “fora da lei”, pois é o polígamo.

Numa sociedade em que os valores patriarcais e machistas predominam Chiziane nos traz um manifesto de forma alusiva entre as lágrimas e o clamor ao que realmente representa o amor para Rami em *Niketche*<sup>16</sup>:

---

<sup>15</sup> COSTA, Eliane Gonçalves da. *De mitos e silêncios: nas águas do feminino pelos romances de Paulina Chiziane* - 2014. 191 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2014.

<sup>16</sup> CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

Deus meu, socorre-me. Aconselha-me. Protege-me. Diz-me o que é o amor segundo a tua doutrina. Deus meu, o amor deste mundo não é matemática. Não tem fórmulas estáticas, nem mágicas. O amor é caprichoso como o tempo. Num dia frio. Noutra quente, noutra ainda chuva e vento. No amor, a solução de um dia não serve para outro dia. Os conselhos dos amigos de nada servem, para o meu caso. A urgência de transformar este amor atrai-me perigosamente para caminhos nunca dantes pisados. Eu, mulher casada há vinte anos. Mãe de cinco filhos, experiente, andei de boca em boca, de ouvido em ouvido, auscultando de toda a gente a forma mais certa de segurar marido.

São muitas as mulheres citadas por Couto (2009), que passam pelo mesmo processo de [...] desencontro, desamores, e incompreensões de vidas incompletas, de sonhos não realizados. Histórias densas. O romance de *Niketche* atravessa esse emaranhado de conhecimento em prol de identidade nacionalista feminina em Moçambique.

Costa (2016, p. 4)<sup>17</sup> também afirma que:

Chiziane aproxima-se da ideia de que as identidades são constituídas por diversos planos: histórico, político, social e cultural; compreende que essas determinações não são imutáveis. Dessa maneira, busca sedimentar uma identidade feminina balizada nessas mutações, questionando firmemente as imposições do masculino e suas tradições, desconstruindo uma identidade forjada por uma sociedade marcadamente herdeira de costumes patriarcais, coloniais ou não.

Costumes, crenças, hábitos culturais e sociais locais e são evidenciados nos textos da escritora detalhando a vida e das mulheres na voz e escrita de Chiziane. Trazendo a identidade como elemento essencial para os movimentos identitários na África e em especial Moçambique.

O romance *Niketche* traz esses debates sociais que permeiam a cerca da prática da poligamia em Moçambique, fazendo assim discursos feministas e anticolonial, traduzindo suas narrativas em particularidades nos aspectos sociais a fim de consolidar a voz e as lutas dos movimentos literários rompendo o silêncio e:

[...] Paulina universaliza [...] as particularidades femininas da sociedade moçambicana atual, através de um narrar intimista que encara uma subjetividade singular, que relembra a aprendizagem da mulher em relação a seu lugar milenarmente ocupado no campo e na cidade, os rituais e os condicionamentos do lobolo, a dramática solidão que a poligamia paradoxalmente incute, os esquemas perversos das proibições sociais, a guerra, a intolerância ao colonialismo, a precariedade espiritual e material circundante (FREITAS, 2014, p. 198)<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> COSTA, Eliane Gonçalves da. *Paulina Chiziane e as águas míticas do feminino*. CEUNES-UFES, 2016.

<sup>18</sup> FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. *Balada de amor ao vento: as relações de gênero na ficção de Paulina Chiziane*. In: Mulemba, v. 1, n. 10, pp. 99-109. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

Romper o silêncio e ser a voz de milhares de mulheres que vivenciaram o processo da pós-colonização em Moçambique e que foram silenciadas, e a literatura assume esse papel de libertar, legitimar e enaltecer esses manifestos em prol da hegemonia moçambicana. Assim “estes detentores do poder sócio-político e econômico, tendem a negar a riqueza cultural dos povos africanos e mesmo a recusar a sua existência, pelo que impõem os padrões exógenos de cultura dos dominados.” (LARANJEIRA, 1995, p. 358)<sup>19</sup>.

Assim também Garbim (2016, p. 78) afirma nas suas entrelinhas que:

[...] as linhas traçadas por Paulina Chiziane nos romances em que ressalta a poligamia justificam-se, em parte, como sendo um desejo pela busca dos rizomas de seu povo. O renascimento ou reencontro cultural do qual a literatura faz parte, é um desejo de volta às origens, em busca de uma identidade matricial daquilo que foi suplantado pelo sistema dominante.

Nessa perspectiva o autor observa que os reencontros com as culturas vêm de um sistema dominante que prevalece em uma sociedade patriarcal e que trouxeram muitos conflitos entre homens e mulheres em espaços sociais, e com isso a busca pela auto identidade em meio a grandes insurgências no continente africano e em especial Moçambique. A literatura surge como um veículo transportando informações e resistência a poligamia, vinculada a um processo de colonização e pós-colonialismo onde o patriarcalismo predomina no país.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A literatura africana de língua portuguesa desnuda a situação da África desde a colonização até a pós-colonização dos países que foram colônia de Portugal assim a literatura ganha impulso em meados do século XIX, com o intuito de levar informações e de veicular as lutas pela emancipação política social, e cultural dos africanos em especial Moçambique.

As lutas travadas por Chiziane representam as vozes de muitas mulheres que foram silenciadas durante o processo devastador e desumanizador da colonização, que trouxe a fragilidade e a pobreza para vários países da África.

---

<sup>19</sup> LARANJEIRAS, Pires. *A negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

Niketche de Paulina Chiziane trouxe para o país a sutileza da denúncia camuflada em histórias denunciativas aos olhos e ouvidos dos leitores. Além disso, é uma obra que marca a presença da mulher nas lutas pela legitimação perante a sociedade patriarcal, machista e sexista.

Esse artigo trouxe contribuições importantes para a literatura africana de língua portuguesa e em especial para as mulheres moçambicanas. Assim as lágrimas, o clamor e as lutas em manifesto pela identidade nacionalista em Moçambique se fizeram presente em todos os momentos de lutas pelas mulheres e homens no país. A voz feminina de Paulina Chiziane ecoou nos quatros cantos do seu país dando voz e lugar as mulheres que foram silenciadas pela voz e ações dos colonizadores portugueses. Mas até assim a literatura ultrapassou o infinito das grandes manifestos nacionalistas em função dos oprimidos.

Em suma; a mulher e o feminismo surgem, como protagonista na África para enfatizar suas lutas pela abolição ao machismo, ao racismo, ao preconceito gênero e que a hegemonia portuguesa não seja mais uma forma de calar e manipular as lutas emancipatória das independências e reconquista social, política, e cultural dos povos africanas. E através das lutas as mulheres foram reconhecidas e seus espaços sociais foram aos pouco respeitados em Moçambique e Rami em Niketche trouxe esses olhares questionadores e denunciadores para os embates pela quebra de estereótipos e de valores imposta a todas as mulheres e na voz de uma única mulher, existe a representação de várias outras, que foram silenciadas pela tradição africana.

### **Referências**

CÉSAIRE, Aime. Discurso sobre o colonialismo. 1ª edição – Lisboa: Sá da Costa, 1978.

CHIZIANE, Paulina. Niketche: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

CHIZIANE, Paulina. O alegre canto da perdiz. - Porto Alegre. Dublinense, 2018.

COSTA, Eliane Gonçalves da. De mitos e silêncios: nas águas do feminino pelos romances de Paulina Chiziane. 2014. 191 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2014.

COSTA, Eliane Gonçalves da. *Paulina Chiziane e as águas míticas do feminino*. CEUNES-UFES, 2016.

COUTO, Mia. *O fio das missangas*. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CUNHA, Raquel Ferro de. *A voz feminina: constituição da literatura pós-colonial moçambicana*. *Revista Historiador* – n. 3, ano 3, 2010.

FERREIRA, Manuel. *Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa*. v. 2, n. 3, *Revista do Centro de Estudos portugueses*, 1980.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. *Balada de amor ao vento: as relações de gênero na ficção de Paulina Chiziane*. In: *Mulemba*, v. 1, n. 10, pp. 99-109. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

GARBIM, Juliana Franco Alves. *O feminino e a tradição em Niketche: uma história de poligamia*. Ano 8 n. 1 p. 76 – 84, jul. – dez. 2016.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Gungunhana; Ualalapi; As mulheres do Imperador* – São Paulo: Kapulana, 2018.

LARANJEIRAS, Pires. *A negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002 (*Memórias das Letras*, 10) e Lisboa: Imbondeiro, 2002.

SANTANA, Jacimara Souza, *A Participação das Mulheres na Luta de Libertação Nacional de Moçambique em Notícias (REVISTA TEMPO 1975-1985)*. Sankofa. *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, nº 4 dez./2009.

SANTOS, Áurea Regina do Nascimento.; MENDES, Algemira de Macedo. *Configurações de Gênero na narrativa de Paulina Chiziane: o empoderamento de vozes femininas*. Dossiê n. 22, ano 15, p. 51-68, 2016.

NOA, F. José Craveirinha: para além da utopia. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 5, p. 68-77, 9 dez. 2002.

NOA, F. *Surget et Ambula: literatura e (des)construção da nação*. *Estudos de Sociologia*, Recife, v. 2, n. 20, p. 341-369, jan./dez. 2014.